



CALA A BOCA JÁ MORREU, QUEM MANDA NA MINHA BOCA SOU EU!

Ivone Diná Ribeiro Lemes de Almeida¹ (PPGEEn/UNIC) – ivonealmeida53@gmail.com
Jhonatan Thiago Beniquio Perotto² (PPGEEn/UNIC) – jhonatanperotto@gmail.com
Lucy Ferreira Azevedo³ (PPGEEn/UNIC) – lucyfazevedo@gmail.com

GT 15 – RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO

Resumo

A escola de Mato Grosso oportuniza muito pouco a fala do estudante negro no seu cotidiano, mesmo com a Lei 10.639/93, modificada em 2008, pela Lei 11.645, com a inclusão de povos indígenas. A hipótese levantada é se o jovem maior de 18 anos perceberia que a sua fala não é oportunizada na escola média. O objetivo é a análise de lembranças de estudantes negros do Ensino Médio que residem em Cuiabá para flagrar na oralidade as marcas identitárias partindo da História de Vida de cada um – aproximadamente 15 alunos – dentro da metodologia de História Oral. As entrevistas foram transcritas e transformadas em texto. Entre os autores basilares, estão foram HALL (2006), GEERTZ (2008), FANON (2008) e BASTIDE (1974). Os resultados demonstram a carga da violência colonial nas experiências desses indivíduos e da estruturação de uma sociedade diaspórica e revelam a ligação indissociável da memória e da identidade com a mobilidade nas falas dos estudantes. Espera-se que essa pesquisa coloque em evidência o silêncio que os jovens apresentam quando precisam falar de si mesmos, contribua na redução de preconceitos e potencialize-os para uma fala que exija a criação de políticas públicas que facilitem a mobilidade e integração dos indivíduos brasileiros.

Palavras-chave: 1. Construção cultural. 2. Diáspora. 3. História de Vida. 4. Identidade.

1 Introdução

As questões raciais no Brasil não foram discutidas tendo como base a compreensão sobre os grupos africanos sequestrados para o Brasil, formadores da nossa história social. Ao invés disso, se debruçou em torno de uma criação nacional: o “negro”.

O negro, enquanto categoria, é uma espécie de filtro das diferenças étnicas, unificando-as em torno de um “novo sujeito”. Um lugar social que estimula a hipótese deste trabalho sobre como a escola média permitiria o discurso identitário do jovem negro em seu cotidiano, o que desencadeou o objetivo da pesquisa que foi buscar o discurso identitário do jovem

¹ Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá.

² Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá. Professor da Educação Básica da Secretaria de Estado de Mato Grosso (Seduc-MT).

³ Doutora pela Pontifícia Universidade Católica-SP. Professora do Programa de Mestrado em Ensino (UNIC/IFMT), na linha 1, Linguagens e seus Códigos. Atua nos temas *comunicação em EAD-TICs, mídia, linguagem, texto, símbolo, memória, resistência, leitura, lendas, escola e interlocuções literárias*.

negro/afrodescendente da escola média sobre sua vivência comunitária por meio das ações no espaço escolar. A escola pública estadual foi o *locus* da investigação, desenvolvida em duas salas – 1ª e 2ª séries do Ensino Médio – entre alunos do curso noturno – atividades *on-line*.

O objetivo deste estudo foi o de buscar o discurso identitário do jovem negro/afrodescendente da Ensino Médio sobre sua vivência comunitária por meio das ações no espaço escolar.

A metodologia adotada foi a história oral, por ser um procedimento que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais, baseadas nos autores HALL (2006), GEERTZ (2008), FANON (2008), BASTIDE (1974), entre outros.

Espera-se com a pesquisa apreender a produção discursiva do estudante sobre si mesmo e sobre sua comunidade e que isso o potencialize na busca de seu lugar de igualdade e poder para ser e conviver.

2 Metodologia

A metodologia adotada foi a história oral, em pesquisa qualitativa, autorizada a sua divulgação pelos alunos – todos maiores de 18 anos.

Segundo Delgado (2010), a história oral é um procedimento metodológico, um registro de depoimentos sobre uma história vivida. No acontecimento da comunicação, do depoimento, as narrativas possuem dimensões individuais e coletivas. Pela construção de fontes e documentos, registra-se, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

Na aula *on-line*, em *link* disponibilizado para as aulas de língua portuguesa, foram colhidos 15 depoimentos de alunos do horário noturno, 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, todos maiores de idade.

Na aula de língua portuguesa, foram selecionados *corpora* constituídos de textos literários e/ou jornalísticos sobre o racismo estrutural no Brasil. Entende-se aqui, como Racismo Estrutural, conforme Almeida (2019), o fato dos processos sociais, históricos e

políticos elaborarem mecanismos para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática. Segundo o autor, a estrutura da sociedade normaliza e concebe, como verdade, padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça.

Após a leitura, abriam-se diálogos e os alunos foram expondo situações e opiniões sobre sua história de vida, autorizando o estudo de suas falas/reflexões.

3 Resultados e discussões

Segundo Frantz Fanon (2008), o negro brasileiro ocupa em sua maioria uma “zona de não ser” (FANON, 2008, p.26). Seu passado é nebuloso, pouco compreensível e “borrado” aos nossos olhos. Está assim na cultura, conforme Geertz (2008)⁴, propagada e vivenciada pela escola. Desse modo, os descendentes de africanos no Brasil são retratados em dois momentos: o escravo e o negro.

Caminhando-se desde a diáspora negra no Brasil, tem-se a formação simbólica em gradação: a do Bantu (por exemplo) em africano, genericamente. O africano passa a significar escravo. Por último, o escravo torna-se negro, uma categoria que constringe toda uma população a uma nova condição simbólica, desconectada de sua história com o continente africano.

A necessidade de uma história brasileira conectada com a África não significa um movimento essencialista ou de retorno a uma África mítica a-histórica. O que se quer é uma leitura da realidade brasileira que leve em consideração as dinâmicas sociais que a conformam, no passado e no presente. Almeja-se uma produção discursiva, com impactos sobre as subjetividades e em como se compreende o contexto social atual que se faz dos segmentos “ser indígena”, “ser branco”, “ser negro” em significados justos e compartilhados. Significados que envolvem a crítica ao processo colonial e aos resultados práticos, simbólicos e subjetivos da racialização⁵ que é inerente a tudo isso e reproduzidos diariamente.

A diáspora, mais do que um marco histórico iniciado pela dispersão forçada de africanos

⁴ Na orientação de Geertz (1989), o conceito de cultura é essencialmente semiótico e é uma "teia de significados" que o homem tece ao seu redor e que o prende quando este procura entender, apreender os seus significados (sua densidade simbólica). Continua, “ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os homens) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.” (GEERTZ, 2008, p. 24).

⁵ Racialização (Fanon, 2008, p. 191) é o processo pelo qual uma série de significados desumanizadores são projetados sobre determinado grupo social, reduzindo-o a uma “zona de não ser”, ou seja, a um lugar social de fragilidade ontológica, de sujeição.

pelo mundo, significa a formação de rotas culturais criadas pela presença de africanos e de seus descendentes por todos os continentes e originaram um circuito de expressões culturais, estruturas de sentimento, formas de sociabilidade e lugares de memória, hibridizadas e constantemente transformadas (GILROY, 2001; HALL, 2006; HOROWITZ, 2005).

É muito delicado tentar traçar uma única linha sobre a trajetória do africano quando chegou ao Brasil e as consequências do contato com as etnias aqui já radicadas, uma vez que a situação do povo africano era de sofrimento, em situação de diáspora.

Muitos autores procuraram explicar este contato brancos e negros, dentre eles Clóvis Moura (1983), Rita Segato (1998), Gilberto Freyre (2006), porém, de acordo com Derrida (1982), não é possível a compreensão de qualquer sujeito ou grupo social através de um ponto de vista essencialista ou que busque as suas imanências culturais. Isso porque, ainda de acordo com o autor, nunca há um momento em que o significado esteja completo ou totalizado, ou seja, as palavras e os signos jamais dão conta de evocar exatamente o que eles significam, sempre adiando ou postergando seu significado, numa cadeia sem fim.

Nos termos colocados por Stuart Hall (2006), é essencial que uma sociedade multicultural permaneça um espaço heterogêneo e pluralístico, resistindo ao ímpeto de serem integrados por um processo de equivalência formal, tanto no sentido similacionista – como dita a concepção liberal de cidadania –, quanto do ponto de vista da radicalização das diferenças no sentido “do certo contra o errado”, do “bem contra o mal” (HALL, 2006, p.83).

Roger Bastide (1974), em sua obra *As Américas Negras: as civilizações africanas no Novo Mundo* (originalmente publicada em 1967), realiza um interessante debate acerca dos elementos culturais formadores do Brasil, o que o aproxima bastante das preocupações traçadas pelos intelectuais da diáspora africana. Na perspectiva de Bastide, no Brasil, haveria características e complexos culturais africanos que teriam sobrevivido frente às relações econômicas e sociais adversas, dando origem a dois tipos de formação, quais sejam: as “comunidades africanas” e as “comunidades negras”. Tendo como ponto de partida o estudo clássico de antropologia cultural intitulado *The myth of the negro past*, de Melville J. Herskovits (1945), Bastide aprofunda as pesquisas sobre as sobrevivências africanas nas Américas. No primeiro caso, “os modelos africanos levam vantagem sobre a pressão do meio ambiente” (BASTIDE, 1974, p.44), permanecendo como preponderantes na organização social, na vida econômica, nas instituições, nas tecnologias, na linguagem, na religião, na arte e no folclore. No segundo caso, as “comunidades negras” seriam formas de sociabilidade, com base em tipos de associativismo, nas quais os negros tiveram que inventar formas de conduzir a vida, sem referências explícitas às suas culturas de origem, ainda que tenham conservado características

africanas. As sociedades do segundo tipo (negras) são “verdadeiras criações culturais originais, respondendo às novas circunstâncias de vida” (BASTIDE, 1974, p.29), criadas como forma de reação ao contexto opressor da colônia, à imposição do cristianismo e à violenta mudança territorial que a escravidão impôs. De acordo com Bastide, o “antigo” precisa adaptar-se às novas existências e, no caso do povo negro, isso envolve a compreensão e aceitação dos valores culturais africanos; precisa de adaptação⁶. Adaptar-se, na concepção do autor, é aceitar o “clima geral, o místico ou de festa, ou ainda o que permite uma melhor adaptação, o que é útil (BASTIDE, 1974, p. 179).

Deleuze e Guattari (MINTZ & PRICE, 2003) desenvolvem a compreensão de “rizoma”⁷, inspirada em Herskovits (1977) do termo “retenções” que, para alguns críticos, corresponde à noção de “raízes” culturais, mais estáticas do que dinâmicas. Essa leitura é bastante diferente da perspectiva empregada pelos teóricos pós-coloniais, que abordam as “rotas” e as complexas transformações históricas. É também nesse sentido de movimento e processo histórico que o termo “rizoma” é desenvolvido.

Não se pode perder de vista também que, no caso brasileiro, sobretudo décadas antes dos anos 2000, havia grande desconhecimento em relação às culturas africanas e negro-brasileiras, uma vez que o processo de branqueamento social imperava naturalmente nos meios de comunicação, nas instituições escolares, nos ambientes de trabalho, entre outros.

Com o intuito de criar e manter os privilégios de uma branquitude, é preciso dizer que os meios de comunicação de massa tiveram, e ainda têm, um papel substancial, tanto em produzir quanto reproduzir estereótipos de pessoas brancas, ao passo que também, nesse processo, produzem e reproduzem estereótipos para pessoas negras.

A esse respeito, Stuart Hall (1996), no texto “Raça, Cultura e Comunicações: olhando para trás e para frente dos Estudos Culturais” (tradução nossa), destaca que um dos problemas centrais no início dos Estudos Culturais é como estudar as formas diversificadas nas quais as novas manifestações de raça, etnicidade e racismo são representadas na mídia. Segundo o estudioso, nesta fase inicial, o foco era pensar a natureza da estereotipia racial, a imagem negativa de raça e etnicidade na mídia, a ausência de relatos sobre a experiência negra e a

⁶ “Adaptação”, segundo Bastide (1974), é a adoção da cultura africana pelos negros modernos sem que haja resistência contra a cultura dos ancestrais, mas fazendo adequações necessárias para a sobrevivência na sociedade atual.

⁷ Rizoma é um termo originalmente da Biologia: “hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos” - transformado pela filosofia em figura metafórica - DELEUZE & GUATTARI (1995, p.25).

repetição na mídia de uma forma simplificada de representar a história, a vida e a cultura negra.

Hall (1996), ao mencionar os estudos de Fanon (2008), em “Pele negra, máscaras brancas”, destaca que, mediante os meios de comunicação, negros são simultaneamente representados como leais, dependentes, infantis, tanto quanto não confiáveis, imprevisíveis, capazes de tramarem a traição logo que alguém vira as costas. Esses adjetivos derivam do discurso colonial, que criou e caracterizou o “outro”, isto é, para se explorar um determinado grupo, criou-se um discurso de que ele era diferente e, portanto, inferior. Mas não apenas isso. Ao passo que se situam as diferenças, e essas diferenças estimulam esses discursos, há também outro fator para a colonização: a inserção de elementos da cultura dos dominadores, como a língua, a religião e os costumes.

Com isso, torna-se inevitável uma aproximação de semelhanças. Então, aquele que era tão diferente, de repente, não é mais tão diferente assim. Segundo Fanon (2008) essas “semelhanças” são impostas cotidianamente em forma de padrões hegemonicamente brancos, ao passo que anula ou inferioriza traços da Negritude. Conseqüentemente, os esforços para uma aceitação seguem rumo a esses padrões.

Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica (FANON, 2008, p. 95).

Para Fanon (2008), a importância de se chegar próximo do branco possui explicação política e ideológica de controle, em que o branco passa a ser referência do que é humanidade; a cultura europeia é a cultura humana, o mundo ocidental é o mundo humano, sua filosofia e sua razão são peculiaridades da humanidade. Assim, o negro assimilado nega sua língua e outros traços de sua Negritude a fim de atingir o branco, e uma dessas buscas é a linguagem enquanto instrumento cultural.

É nesse contexto que o discurso colonial passa a correr riscos de ser minado por dentro, pois aquele que fora colonizado acaba encontrando meios de questionar a exploração pela qual tem passado. Assim, o colonialismo, enquanto período histórico, vai aos poucos se desfazendo, dando lugar à colonialidade, isto é, a continuidade de um padrão de poder hegemônico que, segundo Quijano (2005), manifesta-se nas relações de trabalho (racialmente categorizadas), na produção de conhecimento, nas intersubjetividades e nas relações interpessoais, políticas,

econômicas e sociais.

3.1 O recado da escola: engole o choro!

Passam as datas relativas aos eventos ligados aos negros, festividades em geral da comunidade ou do país e os discursos são pronunciados como se todos fossem exatamente iguais, compartilhassem a mesma linguagem e cultura. Mas, mesmo no estado de Mato Grosso de maioria afrodescendentes e indígenas, não aparece uma fala que seja assumida por essas representações. As datas sempre camuflam um sujeito branco e são sempre uma repetição de todos os anos. Por isso, o grupo de pesquisa quis sondar o que os afrodescendentes diriam sobre determinadas questões.

Depois de lidos os textos que problematizaram o racismo estrutural, perguntou-se “*O que há de verdadeiro no conteúdo desses textos em relação a sua vida? Por quê?*”

As respostas foram surpreendentes: “Vidas invadidas, tomadas à força, opressão”; “Luta do dia a dia que nunca acaba”; “Falta de respeito”; “É que hoje as coisas são desiguais para os negros”; “Os sonhos que não existem”; “O amor por outro guri branco”- neste caso, o aluno reconhece-se como negro; “É a revolta por causa dos políticos por todo o Brasil”- o discente percebe a amplitude do problema; “Sofrimento no trabalho e na escola”; “Sofrimento pelo preconceito”- surpreendeu a citação da escola como sofrimento e a menção do preconceito”; “A repetição da história”- o discente denota ter visão crítica; “O *bulling*, porque só porque a pessoa é negra, começam a zoar com ela”.

Duas alunas da segunda série foram surpreendentes com as reflexões *sobre o que você pretende para o seu futuro?*: “Os sonhos meus que eu perdi e não sei se estão em minha mente” e “Eu sou negra e muitas vezes temos nossos direitos acabados e não somos respeitados. Porém, podemos ser diferentes por fora, mas por dentro não!” – a primeira demonstra as angústias que ela conserva em si pelo reconhecimento da não possibilidade de ser feliz e ser negra; a segunda mostra saber que o preconceito existe e não respeita realmente o ser humano que não responde ao estereótipo de prestígio, ou seja, alto, branco, magro. Vivenciaram o momento presente e não conseguiram projetar sua vida no futuro, talvez por não acreditarem em sonhos realizáveis.

Sete alunos identificaram a “coragem” como a paixão que está no poema *A minha dor de Noêmia de Sousa (Moçambique)*, porém cinco deles não entenderam o texto.

Dói
a mesmíssima angústia
nas almas dos nossos corpos
perto e à distância.
E o preto que gritou
é a dor que se não vendeu
nem na hora do sol perdido
nos muros da cadeia.
SOUZA (s/d)

Dentre as reflexões mais representativas da percepção do preconceito na comunidade, precisamente na escola, tem-se: “Existe tristeza na alma do negro pela saudade dos parentes da África” – a palavra “angústia” foi esclarecida; 2 não perceberam o verso “E o preto que gritou é a dor que se não vendeu”/“nem na hora do sol perdido nos muros da cadeia” – a interpretação não foi alcançada pelo grau profundo da subjetividade do poema. O verbo “vendeu” não foi entendido como reação contra a injustiça e a metáfora do sol perdido também foi de muita complexidade. Acredita-se que o nível geral da escola em leitura é frágil. Assim, não é um problema do aluno negro precisamente.

Três alunas da primeira série foram surpreendentes com as reflexões: “Meus sonhos são os mesmos de minha mãe, porque ela queria ser médica, só que ela não conseguiu e nem sei se vou conseguir também” – o termo “também” é marca textual de que ela já constata que a história se repetirá e, surpreendentemente, não prossegue com o texto para se lastimar ou revoltar-se - aceita; “Sou negra e isso dói muito” – compreendeu o poema na dimensão exata; “Todos os negros sofrem no Brasil e na África” – embora tenha citado a África, o aluno parece perceber a amplitude do preconceito no mundo, talvez pelas recentes notícias de enfrentamentos entre negros e polícia em alguns países.

4 Considerações finais

Na pesquisa “Cala a boca já morreu/Quem manda na minha boca sou Eu”, por meio de opiniões sobre os textos lidos e a história de cada um, espontaneamente declarada, constatou-se na oficina a identidade de cada um em comentários claros e sofridos e que, conforme os conteúdos expostos, para conquistar é preciso ser antes de tudo.

A pesquisa com a metodologia História Oral, juntamente com base nos autores elencados, serviu de painel identitário dos negros da escola depois dos debates. Uma discussão que começou com zombaria sobre ser negro e depois foi adquirindo seriedade. Lembrou muito

a discussão de Frantz Fanon (2008, p.26) sobre o que ele chamou de “zona de não ser”, já abordada. A zombaria flagrou a afirmação do autor sobre a existência para o outro passar também pela possibilidade da fala: “Falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p.33).

Nessa luta contra o racismo, as linguagens têm força política. As apresentações artísticas em diferentes expressões em grupos negros – existência com afirmação estética – constituem-se em um ato político, refletidos na corporeidade ou na fala, porque desestabilizam os discursos estabelecidos socialmente.

Conferir um caráter transnacional à análise da história social do Brasil não significa apenas se reportar à história cruzada entre África e Brasil, mas apreender e aprender o contexto da diáspora africana e desenvolver, a partir das instituições (dentre elas a escola) críticas/reflexões bem estruturadas, humanas sobre o sujeito “negro” no discurso nacional. Discutir a racialização para não reduzir esse grupo social a uma “zona de não ser”. Um lugar social de fragilidade ontológica, daquele que se submete.

Referências

BASTIDE, Roger. **La sociologie en Amérique Latine**. In: GURVITCH, Georges (Org.). *La sociologie au XXO siècle II: Les études sociologiques dans les différents pays*. Paris: Presses Universitaires de France

DELGADO, L. DE A. N. **História oral: memória, tempo, identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Différance*. In: BASS, Alan. *Margins of Philosophy*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HALL, S. **Race, culture, and communications:** looking backward and forward at cultural studies. In: STOREY, J. (ed.). What is cultural studies?, London, Arnold, 1996, pp.336-343. Disponível em:

https://uniteyouthdublin.files.wordpress.com/2015/01/john_storey_what_is_cultural_studies_a_readerbookzz-org.pdf. Acesso em 16 fev. 2020.

HOROWITZ. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura.** Tradução M Seligmann-Silva, 2005.

SOUZA, Noêmia. **O brado africano.** Porto: Porto Editora – *O Brado Africano* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-06-18 19:28:15]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$o-brado-africano](https://www.infopedia.pt/$o-brado-africano). Acesso em 22 set. 2021.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, E. (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005, p.107-130. Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 22 set. 2021.